

BUMBA-MEU-BOI DO PIRAMBU:

Tradição Afro-Cabocla e potencial atrativo para o Turismo em Fortaleza

Prof. Dr. Iranilson Buriti¹

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins²

Profa. Ms. Rosânia Mara de Sales Ribeiro³

Resumo

Este trata sobre influência negra no folguedo bumba-meu-boi, existente em um bairro da periferia de Fortaleza, chamado Pirambu e a potencialidade de se tornar atração turística cultural na capital cearense. A influência negra nas tradições culturais cearenses é vasta, mas é pouco conhecida da população cearense e dos turistas. É dito popular que bumba-meu-boi, assim como, maracatu e reisado são manifestações próprias de negros. Para confirmar esse dito popular e tentar apresentar dados que contestassem outra assertiva do povo, a qual fala que no Ceará não existem negros, utilizou-se como fonte para obter dados, a história escrita e a história oral. A história escrita mostrou quais foram as tradições culturais e lendas africanas que influenciaram na origem do folguedo estudado, bem como, mostrou dados sobre o turismo cultural e o turismo no Ceará. A história oral acrescentou à pesquisa dados sobre a tradição do bumba-meu-boi do Pirambu. As entrevistas acrescentaram dados da oralidade cearense e também agregaram informações sobre a atualidade do turismo em Fortaleza e a utilização das tradições culturais na atividade turística.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi - Legado cultural negro - Turismo em Fortaleza

¹ Doutor em História. Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisador do CNPq.

² Doutor em Psicologia pela Universidade de Barcelona (Espanha) com pós-doutorado em Leisure Studies pela Universidad de Deusto (Espanha). Professor titular da Universidade de Fortaleza.

³ Mestre em Gestão de Negócios Turísticos – Universidade Estadual do Ceará

BUMBA-MEU-BOI DO PIRAMBU:

Tradição Afro-Cabocla e potencial atrativo para o Turismo em Fortaleza

Prof. Dr. Iranilson Buriti

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins

Profa. Ms. Rosânia Mara de Sales Ribeiro

Abstract

This work talks about the black influence of the folkloric dance called bumba-meu-boi, existing in a community on the periphery of Fortaleza, called Pirambu, and covers the inherent potentiality of this becoming a tourist attraction pertaining to the capital of the state of Ceará. The black influence in the cultural traditions of Ceará is vast; however, little is known to the local population and tourists. It is the popular knowledge that bumba-meu-boi, as well as, maracatu, and reisado are proper manifestations of black people. To confirm this popular knowledge and to try to contest another assertion of the people, which states that in Ceará there are no blacks, this was used as a source to the study as written history and verbal history. Written history showed which had been the cultural traditions and African legends that had provided an influence in the origin of the studied movement, as well as revealing data on cultural tourism and general tourism in Ceará. Verbal history added to the research on the traditions of the bumba-meu-boi of the Pirambu. The interviews, besides pertaining orally to the state of Ceará that are not written in books, also added information of the tourism of the present time in Fortaleza and the use of the cultural traditions in the tourist activity pertaining to the state of Ceará.

Key words: Bumba-meu-boi, black cultural Legacy, Tourism in Fortaleza

Introdução

Este artigo aborda as práticas sócio-culturais relacionadas ao folguedo do bumba-meu-boi do Pirambu (bairro da periferia de Fortaleza), considerada uma das manifestações folclóricas que existe em Fortaleza e teve sua origem com a junção de algumas brincadeiras que ocorriam no interior do Estado. A influência de celebrações religiosas de origem africana, européia e indígena, traz personagens que fazem alusão à realeza negra e aos encontros sociais que formaram o povo cearense. O Boi (assim é chamado o bumba-meu-boi em Fortaleza, Sobral, na zona jaguaribana e no litoral cearense) é uma brincadeira comunitária onde os participantes interagem com o público e com suas histórias ancestrais. Trata-se de um folguedo que pode comprovar a presença negra no Ceará, contradizendo o dito popular de que no Ceará não existem negros.

Nestes primeiros anos do século XXI, quando o Ceará é um dos destinos turísticos mais visitados do Brasil, a opção do turismo cultural tem potencial para existir na capital cearense com a utilização dos tradicionais folguedos que existem na cidade, estando dentre eles o bumba-meu-boi do Pirambu que pode ser um elemento cooperador na mudança da imagem turística da cidade de Fortaleza que ainda está associada às paisagens naturais, aos forró estilizados de letras dúbias e aos shows de humor com imagens caricatas do povo cearense.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza, tendo como objeto de estudo o bumba-meu-boi do Pirambu. Seus objetivos consistem em fazer um estudo sobre a participação negra na origem do bumba-meu-boi do Pirambu e mostrar o folguedo do Boi como potencial atração turístico-cultural na cidade de Fortaleza. Em virtude de poucas

informações sobre o objeto de estudo, tendo apenas os ditos populares e as histórias familiares como ponto de partida para realizar a pesquisa, o estudo teve natureza tanto exploratória quanto abordagem qualitativa (BASTOS, 2004). Para adquirir elementos para a pesquisa foi utilizado o método histórico (LAKATOS E MARCONI, 1991, 2005) tendo como fontes de coleta de dados a história escrita e a história oral.

A revisão bibliográfica (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004; BASTOS, 2004; LAKATOS E MARCONI, 1995, 2005) trouxe informações sobre a história escrita do bumba-meu-boi, sobre o turismo cultural, história do Ceará e a participação dos negros na formação do patrimônio imaterial cearense. A pesquisa de campo também foi utilizada através da observação direta não participante⁴, com a qual foi possível confirmar dados obtidos na revisão bibliográfica.

A emergência do bumba-meu-boi e a presença da oralidade dos negros cearenses na difusão do folguedo

Pai Francisco e sua mulher Catirina ou Catita eram negros e escravos. Catirina, grávida, desejou comer língua de boi. Disse para Pai Francisco que o filho que estava esperando morreria na barriga se ela não comesse tal iguaria. De tanto ela aperrear o marido, ele cedeu, buscou o boi, junto com o vaqueiro e matou o boi de estimação do coronel dono da fazenda para tirar a língua e dar a Catirina. Mas o ato de Pai Francisco foi descoberto. Por causa disso, foi preso e levado à presença do coronel, que mandou acender uma fogueira, chamou seus escravos para uma festa, mandou colocar Pai Francisco no meio da roda de negros que se formou ao redor da fogueira e os escravos passaram a irritar Pai Francisco com brincadeiras para deixá-lo zangado. A festa passou a ser repetida todos os anos, pois o

⁴ Na observação direta não participante o pesquisador se coloca em situação de espaço e tempo que lhe permite assistir às manifestações do fenômeno a ser estudado. LAKATOS, E. MARINA, M. Fundamentos de Metodologia Científica, 2005.

coronel gostou de ver a raiva de Pai Francisco (CARNEIRO IN BARROSO, 1996, p. 47). Essa história, além de registrada em livro faz parte da história oral cearense e conta uma parte da origem do bumba-meu-boi, uma prática cultural bastante comum em Fortaleza.

Para que o bumba-meu-boi existisse no Ceará, um longo caminho foi percorrido desde a África, passando pelo mercado de Níger no norte da África. Desde séculos passados, este mercado vem realizando comércio de camelos, gado, cabras, sal e vários gêneros alimentícios. Porém, durante alguns séculos realizou o comércio de escravos, incluindo os escravos que vieram para as Américas, vindos da região do Congo e Angola, países africanos de onde mais vieram escravos para o Ceará (BEZERRA, 2003, p. 36).

Depois de capturados, os negros eram levados através do deserto de Tenere ou Saara por Tuaregues, que são atualmente comerciantes que atravessam o deserto, mas que durante 1.000 anos foram temidos mercadores de escravos. Os cativos que sobreviviam ao deserto seguiam para o mercado de Níger, eram vendidos em lotes para europeus, de lá eram enviados ao Oceano Atlântico, em seguida, embarcados em navios negreiros para as Américas⁵. Depois das agruras do percurso para chegar ao Brasil, muitos negros tiveram como destino final as fazendas de gado ou também chamadas de “fazendas de criar” do interior cearense.

Os negros e afro descendentes do Ceará conseguiram deixar contribuições culturais significativas. Isso foi comprovado por Barroso (1999), ao constatar a existência do reisado e bumba-meu-boi, manifestações cênicas de influência negra nos seguintes municípios cearenses: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Milagres, Jardim, Campos Sales, Aracati, Itaiçaba, Canindé, Fortaleza, Maracanaú, Sobral, Meruoca, Camocim, Quixadá, Guaramiranga, Limoeiro do Norte e Granja.

⁵ Informações obtidas na reportagem apresentada no Programa Sem Fronteiras, no canal National Geographic Chanel, no dia 30/9/05.

No século XX, as pessoas que migraram do interior do Estado para Fortaleza e tinham menor poder aquisitivo procuravam como local de moradia a periferia. Entre estes migrantes estavam os afro descendentes que vinham para Fortaleza, alguns fugindo das secas, outros para estudar, mas todos trazendo consigo tradições culturais de origem africana. Um exemplo dessa influência negra em Fortaleza está na manifestação cultural mais característica do carnaval da cidade, que é o maracatu, que remete à festa da coroação do Rei de Congo e à luta contra os portugueses da rainha negra angolana Ngola Jinga. Também de influência negra é o reisado, com o personagem Mateus e sua parceira Catirina (mulher do escravo Pai Francisco), que tem sempre os rostos pintados de preto. Da mesma forma, tem influência negra a encenação que ocorre nas apresentações do reisado chamada de quilombo, que simboliza batalhas de negros contra caboclos de origem indígena que lutaram junto com os brancos para derrotar quilombos. Esta encenação pode representar, também, as lutas entre mouros e cristãos, que ocorreram durante as cruzadas. Da mesma origem negra, o bumba-meu-boi é uma variação do reisado de careta, apresentando rei e rainha como os personagens presentes na lenda da ressurreição do príncipe africano Sueno e o palhaço Mateus e sua companheira Catirina.

A formação do folguedo do Boi também teve influência da experiência que os negros já tinham com a pecuária e as atividades decorrentes dela desde a África. Devido essa experiência, os primeiros vaqueiros que vieram nas entradas de gado para o sertão cearense (SILVA, 2002, p. 26), eram escravos negros, afros descendentes ou caboclos. Junto com o hábito no manejo do gado os negros trouxeram suas tradições culturais que tinham a presença da figura do boi e eram expressas pelos escravos nos momentos de festa ou lúdicos. As tradições culturais africanas se juntaram com tradições culturais indígenas e européias (tourinhas e Le Jeu de la Vachette -o jogo da vaquinha), formando uma nova manifestação cultural que ficou conhecida como bumba-meu-boi.

As trocas culturais entre sertanejos migrantes e a criação do bumba-meu-boi do Pirambu

O bumba-meu-boi remete à memória do heroísmo do vaqueiro (ANDRADE, 1985). Nos períodos de maior isolamento o vaqueiro estava mais próximo das forças da natureza que ele não conseguia explicar, nem domar, causavam medo e para essas manifestações ele atribuía nomes como Caipora, Jaraguá, cão ou diabo, Babau e alma penada que são personagens presentes no bumba-meu-boi.

Há também no bumba-meu-boi a presença de personagens que mostram a tentativa do ser humano de controlar o inexplicável e a força bruta dos animais, que são o vaqueiro, o padre, o rezador ou curador dos animais chamado de Doutor. O personagem do Doutor pode ser comparado à figura do feiticeiro africano na lenda da ressurreição do príncipe Sueno.

A lenda conta que o Rei de Congo teve seu filho, Sueno, morto a mando da rainha Jinga. O melhor feiticeiro foi chamado e recebeu a missão de ressuscitar o príncipe. Se ressuscitasse o príncipe receberia um tesouro de miçangas e a mulher mais bonita. No caso do feiticeiro não ressuscitar o príncipe, seria degolado. Depois de fazer algumas magias, o feiticeiro, conseguiu ressuscitar o morto (NOGUEIRA, 1980, p. 127).

Os congo-angolanos que vieram para o Ceará costumavam passar por Pernambuco, Bahia ou Rio de Janeiro e de lá vinham para as terras alencarinhas. Existe a teoria de que os negros vindos daquelas paragens trouxeram de lá manifestações artísticas, que já faziam parte dos momentos lúdicos dos escravos e foram os arquétipos do que viria a se tornar o bumba-meu-boi. De acordo com Barroso (2006), existe também a teoria de que o Boi cearense surgiu na região dos Inhamuns.⁶ O que pode ser afirmado é que os primórdios do folguedo do Boi foi o resultado do encontro de pessoas anônimas, especialmente os sertanejos mestiços (afros

⁶ Id. Ibid.

descendentes e caboclos) e da união de seus costumes⁷, tendo agido o povo mestiço de que falou Cascudo (1993) de forma não intencional para criar a brincadeira do Boi.

Para que o bumba-meu-boi exista atualmente no bairro do Pirambu, foi necessário o trabalho de *akpalôs* sertanejos. Atualmente, não são conhecidos com esse nome, mas os atuais contadores de histórias tradicionais do Ceará são as pessoas que estão preservando as tradições culturais cearenses e não são conhecidas da atividade turística desenvolvida no Ceará. Dentre os novos *akpalôs* do Ceará, está o Sr. José Francisco Rocha - mestre Zé Pio, que é mestre da cultura do Estado do Ceará e comanda o Boi Ceará do Pirambu e atualmente é a pessoa mais antiga conhecedora da tradição do bumba-meu-boi em Fortaleza, de acordo com a Professora Lourdes Macena.⁸

Mestre Zé Pio(2006), Barroso (2006) e Macena Filha (2006), foram unânimes em afirmar que o bumba-meu-boi de Fortaleza tem forte influência sertaneja e, conseqüentemente, pode-se deduzir que tem forte influência negra, visto que o folguedo começou nos momentos lúdicos no meio dos escravos e se difundiu entre seus descendentes. Esses escravos e seus descendentes misturaram a essas brincadeiras histórias de negros (Pai Francisco) que sofreu humilhação por que matou o boi de estimação do coronel, da negra grávida (Catirina) que desejou comer língua de boi; do feiticeiro (Doutor) que cura com rezas ou magias os animais; do palhaço negro (Mateus) que anuncia a chegada do Boi e interage com a platéia; mesclaram com cântico de macumba que anunciam a chegada do vaqueiro, que é acompanhado dos batuques tocados na brincadeira e se junta às figuras do rei, rainha e princesas negras, oriundos da Coroação do Rei de Congo (), que compõem a corte do bumba-meu-boi (NOGUEIRA, 1980 e BEZERRA, 2003)

Mestre Zé Pio resumiu o início da brincadeira do Boi do Pirambu dessa forma:

⁷ BARROSO, O. Entrevista concedida em 7/7/06.

⁸ MACENA FILHA, M. L.. Pesquisadora das tradições cearenses em entrevista concedida em 4/7/06.

A brincadeira do Boi começou com os escravo e veio pra Fortaleza junto com os escravos, com os que tinha vindo dos escravo (descendentes) e com os retirante do interior. O bumba-meu-boi do Pirambu começou das brincadeiras que faziam antigamente com os bois vivos que vinham do interior. Os bois ficavam presos à noite nos currais e pela manhã muitas pessoas vinham para correr atrás dos bois quando eles eram soltos dos currais. Os bois saiam correndo, dando chifrada, marrada, derrubando as pessoas e isso era uma brincadeira (sic).

No Ceará, o Boi é o folguedo popular mais rico, mais complexo, mais diversificado e tem o maior número de linguagens artísticas, de acordo com Macena Filha (2006) e pode ser considerada uma forma de reisado urbano, de acordo com Barroso (1996). Esse dado se constata a partir da informação de campo prestada por Fabiano de Cristo e Paulo Henrique dos Santos, participantes do reisado Brincantes Cordão do Caroá, que afirmaram que dentre os *reisados* que existem em Fortaleza se inclui o Boi do Mestre Zé Pio.

É necessário esclarecer o significado do reisado e as possibilidades de ligação com o bumba-meu-boi. O reisado, no sentido cristão/católico, simboliza a procura dos Reis Magos pelo menino Jesus e o bumba-meu-boi, também no sentido cristão/católico, simboliza o boi que está presente no presépio onde foi colocado o menino Jesus. Existe a lenda de que o Rei Mago Baltazar era negro e quando os três Reis Magos encontraram o menino Jesus eles fugiram do Rei Herodes, disfarçados com máscaras, fingindo-se de tolos ou loucos, para que Herodes não encontrasse o menino sagrado e o matasse, de acordo com Barroso (1996).

O personagem mascarado atravessou os séculos e chegou ao Ceará, na figura dos *papangus*⁹ homens mascarados que saiam pelas ruas de Fortaleza durante a semana santa, pedindo angu para comer, batendo às portas nas casas residenciais. Tanto no bumba-meu-boi quanto no reisado existe o personagem do palhaço que pinta o rosto de preto, chamado Mateus ou Mateu, que aparece em dupla ou acompanhado de Catirina formando um tipo de dupla cômica.

⁹ De “papa angus” figuras de homens mascarados pediam “angus” nas residências, daí o nome *papangus*. Oswald Barroso em entrevista ao programa Palavreado TV Unifor gravado em 18.02.2009)

No período em que o mestre do Boi Ceará (mestre Zé Pio) era o Sr. Assis dos Santos, o personagem do Doutor, que era mais usado do que o Mateus para fazer as comédias, pintava o rosto de branco, por ser uma tradição. Sob a direção de mestre Zé Pio, o Boi Ceará, apresentava o Mateus com o rosto também pintado de branco. Essa atitude parece ser discrepante das tradições do bumba-meu-boi cearense, como se fosse uma inovação que partiu do mestre Assis dos Santos. Mas na realidade, o ato do palhaço pintar o rosto de branco é mais antigo do que o ato de pintar o rosto de preto.

Na África, ainda há tribos onde os artistas do povo quando vão se apresentar pintam o rosto de branco e usam cafuringa como chapéu, igual ao chapéu do palhaço Mateus¹⁰. Mesmo sem saber o porquê do costume de pintar o rosto de branco, mestre Assis dos Santos e mestre Zé Pio estavam reproduzindo um costume ancestral africano. Qualquer uma das duas cores (branco ou preto) com que foram pintados os rostos dos personagens, remetem a origem africana dos brincantes.

Quanto à origem, cada encenação ou entremez¹¹ é baseada na tradição oral com as alterações e distorções que ocorrem devido a visão de cada mestre de Boi, devido ao local, costumes comunitários, maiores influências que sofreu a brincadeira e os registros escritos baseados em observações. A brincadeira do Boi continua sofrendo modificações, devido aos mesmos motivos. Como exemplo, existe no Boi Ceará do mestre Zé Pio, a inclusão da morte e ressurreição do vaqueiro, que ressuscita graças a atuação de São Sebastião, padroeiro daquele Boi (cada Boi tem o seu santo padroeiro), que é comemorado no dia 20 de janeiro, dia em que Zé Pio, sempre apresenta seu Boi para a comunidade do Pirambu.

O bumba-meu-boi ou apenas Boi é conhecido por seus participantes como brincadeira, e seus participantes são chamados de brincantes. A forma jocosa, anárquica (PIMENTEL, 2003, p. 14) com paródias, batuques ruidosos e pândegas do Mateus reflete a

¹⁰ BARROSO, O. Entrevista concedida em 7/7/06.

¹¹ É como o pesquisador Oswald Barroso nomeia a encenação.

irreverência, veia cômica e capacidade de improviso que já se tornaram conhecidas como características do cearense. Entre uma música ou duas músicas, coloca-se a apresentação de um bicho ou comédias, o último que se apresenta é o boi. A brincadeira do Boi remete a uma relação de troca, temor e admiração pela natureza e mitologia que os negros vindos da África e índios brasileiros possuíam (BARROSO, 1996, p. 188; FREYRE, 1983, p. 331) e que passaram a fazer parte da cultura popular cearense através das histórias de assombrações e bichos medonhos contados principalmente para as crianças. Pimentel (2003, p. 16) divide os personagens do bumba-meu-boi em humanos, bichos e fantásticos. São apresentados no Boi Ceará, bichos reais, um bicho mítico ou fantástico, chamado de Jaraguá e personagens humanos. O nome Jaraguá vem da língua tupi e significa senhor do vale. Jaraguá é também uma planta nativa das regiões tropicais africanas usada no Brasil como alimento para o gado. Nota-se que o nome tem relação com a criação do gado e a personificação dos temores ancestrais do sobrenatural, no senhor do vale. É oportuno dizer que representações de índios estão presentes no Boi do Pirambu e no maracatu porque fazem alusão a aliança que fizeram com os portugueses contra os quilombolas, mas principalmente por que os índios e os caboclos, juntamente com os negros e os afro descendentes foram os primeiros vaqueiros cearenses.

Quanto às comédias que podem ser encenadas no Boi Ceará, atualmente, não estão sendo apresentadas por que o tempo disponibilizado para a apresentação do Boi, quando é solicitado, é geralmente entre vinte e trinta minutos. Mestre Zé Pio não tem conseguido mais apresentar toda brincadeira, nem mesmo dentro do Pirambu. Com isso as comédias do Boi correm o risco de serem esquecidas pelas futuras gerações. Se for realizada, toda brincadeira do Boi leva a noite toda, porque entre uma apresentação e outra tem danças e músicas, é uma

brincadeira comunitária¹² em que os brincantes interagem com o público e também improvisam.

Legado cultural, turismo e o Boi do Pirambu

Existem os “peregrinos modernos” ou viajantes”, que são os turistas que procuram conhecer “modos de vida alternativos, autenticidade e contatos com as culturas visitadas”. Também existem os “buscadores de prazer”, “turista de massa” ou “institucionalizado”, assim denominados por serem os que degradam a vida das comunidades visitadas (BARRETO, 2004, p. 20-21, 24 e 26).

A maioria dos turistas que visitam Fortaleza são os “buscadores de prazer”, apesar da cidade possuir tradições culturais seculares, como é o caso do bumba-meu-boi, que não é valorizado pela população como tradição cultural, não é ensinado para as crianças nas escolas e não é divulgado como atração turística.

Essa falta de divulgação talvez ocorra porque os órgãos que divulgam o Ceará como destino turístico não acreditam que o bumba-meu-boi seja economicamente rentáveis para a atividade turística e talvez porque as tradições de origem negra e indígena fazem parte da cultura popular, praticada por pessoas de pouca instrução, geralmente residentes nas periferias da cidade. Oliveira (2005), afirmou o seguinte a respeito da desvalorização da cultura de origem negra no Ceará:

A falta de valorização das danças afro é por causa dos três P's: preconceito, preto e pobre [...] o Ceará reproduz os modelos de cultura do sudeste [...] a cultura da classe média em Fortaleza é muito pobre e não existe identidade cultural negra cearense.¹³

Não é somente o bumba-meu-boi que é desvalorizado na atividade turística em Fortaleza. Da mesma forma, outras tradições do patrimônio imaterial da gastronomia, música,

¹² BARROSO, O. Entrevista concedida em 7/7/06. Informação também cedida por D. Lúcia, esposa de Zé Pio.

¹³ OLIVEIRA, P. T. S. Palestra proferida em 5/11/05.

folgedos, medicina popular, religiosidade, lendas e literatura popular não são utilizadas como atrações turísticas, que podem atrair para Fortaleza os “peregrinos modernos”, fazendo com que ocorra na capital cearense o turismo ligado ao patrimônio cultural que é chamado por Barreto de “turismo com base no legado cultural” (BARRETO: 2004, p.29), ou seja, é aquele que tem como principal atrativo o patrimônio cultural.

Percebe-se por parte de instituições, uma preocupação oficial de registrar o legado cultural cearense. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN desenvolverá projeto para mapear o acervo do patrimônio imaterial brasileiro. No Ceará o projeto de mapeamento do acervo documental do patrimônio imaterial do Estado, será desenvolvido pela Associação dos Amigos do Arquivo Público. Segundo a gerente de fomento e apoio do departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN, Sra. Tereza Paiva Chaves: “É um pontapé inicial para desenhar políticas públicas de preservação.”¹⁴

Além de ser uma possibilidade de preservação do legado cultural cearense, o projeto de mapeamento do patrimônio imaterial, também pode ser uma fonte de consulta para futuras atividades turísticas culturais, auxiliando no desenvolvendo de produtos voltados para o “turismo com base no legado cultural”.

O turista que mais visita o Ceará vêm de lugares de climas diferentes do Nordeste e buscam o que é diferente do seu cotidiano no clima e natureza, principalmente sol e praia, que são os atrativos turísticos principais de Fortaleza. Coriolano confirma ao dizer “que o turista busca encontrar no lugar que visita diferentes experiências que sejam divergentes do seu cotidiano” (CORIOLANO: 2003, p. 97).

Pode-se afirmar, portanto, que o bumba-meu-boi do Pirambu, como outras manifestações peculiares da cidade, é um legado cultural que diverge do cotidiano da maioria dos turistas que visitam Fortaleza e devido a sua singularidade, o Boi do Pirambu tem

¹⁴ CATÁLOGO de patrimônio imaterial. Jornal O POVO, 23/11/06.

potencialidade para ser um atrativo turístico cultural secundário, que somará um novo valor ao turismo em Fortaleza.

Convêm ressaltar que a cidade de Fortaleza que é divulgada para os turistas representa a Fortaleza estilizada em que alguns poucos pontos da cidade são mostrados, a figura do cearense é apresentada de forma caricata nos shows de humor ou associada à idéias do sertão seco, matutos originais na selva de concreto à beira-mar. O turista dificilmente conhece o povo cearense com sua cultura, tradições e costumes. Nota-se que o legado cultural do Boi do Pirambu pode colaborar numa mudança dessa imagem estilizada viabilizando figuras e expressões verdadeiramente relacionadas às singularidades do povo cearense.

Locais que antes não eram mencionados como destinos turísticos, como Natal – capital do Rio Grande do Norte, Maceió – capital de Alagoas e João Pessoa – capital da Paraíba, estão despontando como possibilidades de viagem no nordeste e oferecem atrativos naturais de sol e praia semelhantes aos que são oferecidos em Fortaleza e tem o acréscimo de serem locais ainda pouco expostos às influências negativas que o turismo pode trazer, tornando-se mais atraentes para o turismo e para os turistas.

A fim de enfrentar a crescente concorrência dos novos e viçosos destinos turísticos, o diferencial que Fortaleza pode oferecer em relação a esses destinos é o seu legado cultural. Sabe-se que a cultura de um lugar, seus significados e símbolos são os que fazem o diferencial para que o lugar possa ser considerado atraente.

A identidade do povo, maneira de ser e agir dentro do espaço físico faz a singularidade de um lugar (MARTINS, 2003, p. 67-68). No mesmo sentido MOTA (2006, p. 131), diz que “cada localidade possui características e potencialidades diferenciadas das demais, dando assim uma ‘personalidade’ ao lugar”. Sendo assim investir na divulgação do Ceará, utilizando como foco do atrativo turístico, apenas suas belezas naturais, é realizar um

trabalho míope, pois não visualiza uma possibilidade diferente e única para o turismo cearense, que são suas tradições culturais.

Reflexões Finais

O folguedo do Boi do Pirambu não pode estar a margem da atividade turística por que é realizado na periferia de Fortaleza. Aparentemente, pelo que obtivemos na pesquisa de campo e ouvimos de nossos entrevistados, percebe-se que existe uma rejeição de parte da sociedade de Fortaleza ao valor das tradições populares que acontecem na cidade, talvez por desconhecimento e por sofrer forte influência dos valores midiáticos globais que levam a valorizar mais os costumes e cultura de outros lugares do que a cultura local ou realmente considerar as tradições populares de Fortaleza como “*coisa de negro ou coisa de pobre*”.

A utilização do bumba-meu-boi do Pirambu como atração turística, bem como a utilização de outros folguedos cearenses, tem a potencialidade de atrair o “peregrino moderno”, fazendo com que seja maior a possibilidade de outras imagens da cidade, além da jangada, na areia da praia ao sol.

A mudança da imagem da brincadeira do Boi, que está associada aos três P's – preconceito, preto e pobre, como falou Oliveira, será possível através da valorização da potencialidade do Boi como atração turística pelos cearenses a partir do conhecimento e conseqüente valorização de suas tradições, afinal o desconhecimento e o preconceito não são nada aglutinadores e atuam no âmbito da exclusão.

A pesquisa mostrou que a brincadeira do Boi do Pirambu apresenta várias histórias e personagens negros. Esse contexto de histórias e personagens negros possuem potencial para ser trabalhado no turismo em Fortaleza, como o legado cultural negro e com isso agregar valor ao Ceará como destino turístico por suas peculiaridades culturais. Por outro lado, fica o mote para se repensar sobre uma máxima comum na população cearense, na qual

ser apregoa que “no Ceará a contribuição negra foi muito pouca” numa tentativa vã de “ideologia do branqueamento” que historicamente estabeleceu o paradigma de que “no Ceará não existem negros”.

O pouco espaço que o Boi tem recebido para suas performances poderá levar com o passar dos anos e com a morte de seu mestre, ao esquecimento de algumas partes da brincadeira do Boi do Pirambu, aliado às transformações naturais que podem ocorrer e conseqüentemente, a perda de um patrimônio imaterial da cultura cearense que demonstra forte influência negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ANDRADE, L. R. de. Bumba-Meu-Boi e outros temas. Fortaleza: Edições UFC, 1985. Coleção Alagadiço Novo.

BARRETO, M. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

BARROSO, O. Entrevista concedida em 7/7/06.

BARROSO, O. Reis de Congo. Fortaleza: Ministério da Cultura, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, Museu da Imagem e do Som, 1996.

BASTOS, N. M. G. Introdução à metodologia do trabalho científico. 2. ed. rev. e amp. Fortaleza: Gráfica e Editora Nacional, 2004.

BEZERRA, A. S. Negros no Ceará: quando a memória questiona a história. In: CARVALHO, G. de (Org.). Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CASCUDO, L. da C. Dicionário do folclore brasileiro. 7. ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do Desenvolvimento e do Turismo. In: _____ (Org.) O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003.

Entrevista com a Professora Ana Patrícia Mendes, professora do ensino público do município em Fortaleza e professora da UVA - Universidade Vale do Acaraú - CE, no dia 12 de outubro de 2005, às 10 horas, em sítio no município de Eusébio – CE;

Entrevista com a professora mestra do CEFET, Sra. Maria de Lourdes Macena Filha, presidente da Comissão Cearense de Folclore, realizada no CEFET da Av. 13 de maio, no dia 4/7/06, às 19 horas;

Entrevista com o Sr. Fabiano de Cristo, que interpreta o personagem Mateus no grupo Brincantes Cordão do Caroá, que ocorreu no dia 11 de agosto de 2005, às 16 horas, no auditório da Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis – UFC;

Entrevista com o Sr. José Francisco Rocha, mestre da cultura do Estado do Ceará, conhecido como mestre Zé Pio, realizada no dia 8 de junho de 2006, às 9 horas, na sede do bumba-meu-boi, de nome Boi Ceará, situado na rua Vento Leste, Bairro: Pirambu;

Entrevista com o Sr. Paulo Henrique dos Santos, brincante do grupo Brincantes Cordão do Caroá, que ocorreu no dia 9 de agosto de 2005, às 22 horas, no Bar Los Bodados Café, situado na praia de Iracema;

Entrevista com o Sr. Rogério da Silva e Sousa, criador e coordenador do Centro de Documentação e Publicação da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará – SETUR. Entrevista realizada no dia 17/11/06, às 15 horas, na SETUR, situada no Centro Administrativo Governador Virgílio Távora, s/n, bairro: Cambéba;

Entrevista com o teatrólogo, escritor e pesquisador, Sr. Raimundo Cavalcante Oswald Barroso, realizado na rua dos Tabajaras, nº 138, Praia de Iracema, no dia 7/7/06, às 10 horas;

FREYRE, G. Casa-grande & senzala: formação brasileira sob o regime da economia patriarcal. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1983.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 1991.

MACENA FILHA, M. de L. O potencial turístico das festas populares de Fortaleza. Dissertação. (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Administração, Fortaleza, 2002.

MARTINS, J. C. de O. Homem e identidade – o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. (Org.). O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003.

MOTA, K. C. N. Os segmentos turísticos adequados à realidade de Fortaleza, Jornal O

NOGUEIRA, J. Fortaleza velha; crônicas. 2.ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

PIMENTEL, A. de A. Teatro de raízes populares I, João Pessoa: Edição do Autor, 2003.

Programa Sem Fronteiras, apresentado no canal National Geographic Chanel, no dia 30 de setembro de 2005, às 16 horas, tendo como tema o Deserto de Tenere e o mercado de Niger;